



**VI CONGRESO LATINOAMERICANO
DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN
BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023**

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

O ensino de filosofia e descolonização: a experiência de libertação e a escrita da história de vida na perspectiva de Paulo Freire

Darcísio Natal Muraro

Universidade Estadual de Londrina / UEL

murarodnm@gmail.com

Resumo

Este estudo tem como objetivo desenvolver uma concepção de ensino de filosofia como prática de escrita da experiência de libertação do colonialismo presente em nossa história tomando como referência as obras de Paulo Freire. A experiência filosófica é concebida como acontecimento de escrita da história de vida. Desta forma, o problema que pretendemos desenvolver neste estudo é: em que condições o ensino de filosofia pode ser compreendido como escrita filosófica da experiência de descolonização da história de vida? O aporte metodológico para desenvolvimento da problemática deste estudo é de caráter bibliográfico, com abordagem qualitativa, consistindo em análise e reconstrução conceitual tomando como referência as principais obras de Freire. Como resultado da pesquisa buscamos compreender a experiência de escrita filosófica como base para um ensino de filosofia em que os sujeitos se constituem como atores e autores da transformação da experiência pessoal, histórica e social das amarras da colonialidade. Escrever a experiência existencial de libertação como história de vida é tarefa social, ética e política da filosofia evitando que esta continue servindo aos interesses colonialistas.

Palavras-Chave: Ensino de Filosofia. Escrita filosófica. Experiência da filosofia. Descolonização. Libertação.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo desarrollar una concepción de la enseñanza de la filosofía como práctica de escritura de la experiencia de liberación del colonialismo presente en nuestra



historia, tomando como referencia las obras de Paulo Freire. La experiencia filosófica se concibe como un evento de escritura de una historia de vida. Por tanto, el problema que nos proponemos desarrollar en este estudio es: ¿bajo qué condiciones puede entenderse la enseñanza de la filosofía como una escritura filosófica de la experiencia de descolonización de la historia de vida? El aporte metodológico para el desarrollo del problema de este estudio es de carácter bibliográfico, con un enfoque cualitativo, consistente en el análisis y reconstrucción conceptual tomando como referencia las principales obras de Freire. Como resultado de la investigación, buscamos comprender la experiencia de la escritura filosófica como base para la enseñanza de la filosofía en la que los sujetos se constituyen como actores y autores de la transformación de la experiencia personal, histórica y social de los vínculos de la colonialidad. Escribir la experiencia existencial de la liberación como una historia de vida es la tarea social, ética y política de la filosofía, impidiéndole seguir sirviendo a los intereses colonialistas.

Palabras clave: Enseñanza de la Filosofía. Escritura filosófica. Experiencia de la filosofía. Descolonización. Liberación.

Abstract

This study aims to develop a conception of teaching philosophy as a practice of writing the experience of liberation from colonialism present in our history, taking as a reference the works of Paulo Freire. The philosophical experience is conceived as a life story writing event. Therefore, the problem that we intend to develop in this study is: under what conditions can the teaching of philosophy be understood as a philosophical writing of the experience of decolonization of life history? The methodological contribution for developing the problem of this study is bibliographic in nature, with a qualitative approach, consisting of analysis and conceptual reconstruction taking Freire's main works as references. As a result of the research, we seek to understand the experience of philosophical writing as a basis for teaching philosophy in which the subjects constitute themselves as actors and authors of the transformation of the personal, historical and social experience of the bonds of coloniality. Writing the existential experience of liberation as a life story is the social, ethical and political task of philosophy, preventing it from continuing to serve colonialist interests.



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

Keywords: Teaching Philosophy. Philosophical writing. Experience of philosophy.
Decolonization. Liberation.



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

Ensino de filosofia como escrita filosófica da experiência de descolonização da história de vida na perspectiva de Paulo Freire

Este estudo tem como objetivo desenvolver uma concepção de ensino de filosofia como experiência de escrita da história de vida no processo de libertação tomando como referência as obras de Paulo Freire. O trabalho de pensar o ensino de filosofia tem muito a aprender com a própria experiência existencial de Freire consubstanciada na escrita testemunhal. A escrita freiriana denuncia a opressão que lhe atinge na carne, assim como a todo o povo. Ele escreve como libertação desta opressão. Sua escrita é denúncia e anúncio. Neste sentido, este trabalho busca resgatar o valor humanizador e libertador da escrita como fazer filosófico transformador. Buscamos compreender a experiência de escrita filosófica como base para um ensino de filosofia em que os sujeitos se constituem como autores e atores de transformação da experiência pessoal, histórica e social. Desta forma, o problema que pretendemos desenvolver neste estudo é: em que condições o ensino de filosofia pode ser compreendido como escrita filosófica da experiência de descolonização da história de vida?

O aporte metodológico para desenvolvimento da problemática deste estudo é de caráter bibliográfico, com abordagem qualitativa, consistindo em análise e reconstrução conceitual que tem como fonte as principais obras de Freire.

Inspirados na escrita de Freire, buscamos compreender a experiência de escrita filosófica como base para um ensino de filosofia em que os sujeitos se constituem como atores e autores da transformação da experiência pessoal, histórica e social das amarras da colonialidade.

A escrita filosófica da história da vida como experiência de libertação

Nossa busca consiste em pensar como a pedagogia da libertação necessita do processo de escrita problematizadora, crítica e criativa dos conceitos que se encontram mistificados no contexto da sociedade colonizada pelo capitalismo. Escrever a memória desta experiência é uma das condições da libertação da experiência oprimida pela dominação neoliberal. Ao nosso ver, o ensino de filosofia pode fazer diferença histórica na medida em que introduz o estudante na comunidade de autores de filosofia que se constitui também como comunidade de leitores



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

da filosofía. Para caminhar nessa direção consideramos necessário tensionar a dimensão da colonização da palavra pelo controle opressor da escrita.

Para o objetivo que nos ocupamos neste trabalho, a saber um ensino de filosofia por meio da escrita reconstrutora da história de vida, na perspectiva de Freire, requer um posicionamento crítico diante da educação bancária fortemente denunciada como forma de colonização. O ensino de filosofia pode se enquadrar na educação bancária na prática de leitura de textos de filósofos nas aulas como objetos sacralizados a serem compreendidos em si e para si como garantia de ser este o trabalho filosófico necessário para o estudante adquirir conhecimentos que lhe formariam a consciência crítica e, assim, preparar-se para as provas e vestibulares. Desta forma, ofuscamos o processo da escrita da própria experiência não dando condições de emersão dos problemas que incomodam os estudantes.

A sociedade capitalista coloniza a relação leitura e escrita e enfraquece a possibilidade de fazer memória da experiência pela escrita. Por conta disso, suprime-se o trabalho da reflexão como forma de conceptualizar a experiência, analisar os acontecimentos para extrair conhecimentos que ajudem a enfrentar o porvir e a tarefa existencial humana de narrar a própria história.

Freire não se ocupou de pensar o ensino de filosofia como um componente curricular da educação básica. Nossa abordagem procura resgatar algumas concepções que ele desenvolveu para pensar uma educação libertadora que têm caráter eminentemente filosófico. Este aspecto pode ser inferido do que consideramos ser a filosofia no entendimento de Freire: a “inteligência radical do conceito” (1997, p. 83).

A filosofia necessita se converter num trabalho de educação popular que em termos freirianos podemos chamar de alfabetização ou conscientização filosófica, contribuindo para a emersão da dimensão antropológica, ética, política e estética da experiência. A mudança para uma posição epistêmica que caracteriza a conscientização, exige ultrapassar esta esfera espontânea de apreensão da realidade para uma apreensão crítica em que a realidade se transforma em objeto cognoscível e transformável. A conscientização é processo revolucionário histórico permanente, é projeto utópico de um possível não experimentado nas situações-limite em que a crítica faz o desvelamento ou desmitificação dos mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante. O ato de criticizar a realidade



permite desvelar um universo de temas que são expressão da realidade e estão em contradição dialética entre os que querem a manutenção da realidade e por isso a mitificam, e os que querem a transformação da realidade.

Na obra *Por uma pedagogia da pergunta* (1985), Freire dialoga com o filósofo chileno Antonio Faundez e explicitam que a relação com a filosofia é de tomá-la como meio de análise da situação política e que este estudo se justifica como forma de resolver os problemas e não aprender sistemas. Para os autores em foco neste diálogo, as ideias têm sua concretização nas ações diárias, políticas e pessoais. Neste sentido, a pergunta é o caminho para problematizar as ideias, conceitos temas e trazer para o campo do diálogo em que é possível a sua desmistificação. Freire argumenta que a educação bancária castra a capacidade de perguntar. Ele é enfático em mostrar o autoritarismo em relação à pergunta:

[...] o autoritarismo que corta as nossas experiências educativas inibe, quando não reprime, a capacidade de perguntar. A natureza desafiadora da pergunta tende a ser considerada, na atmosfera autoritária, como provocação à autoridade. E, mesmo quando isso não ocorre explicitamente, a experiência termina por sugerir que perguntar nem sempre é cômodo. (FREIRE, 1985, p. 46).

A repressão à pergunta é repressão ao próprio pensar, à curiosidade que o motiva. É repressão à pronúncia da palavra autêntica. O próprio ato de perguntar está colonizado.

Disto decorre que quando os temas são mantidos ocultos na realidade não é possível uma ação histórica autêntica, crítica. Diz Freire: “Nesta situação, os homens são incapazes de transcender as situações-limite para descobrir que além destas situações e em contradição com elas encontra-se algo não experimentado” (1979, p. 17). Estas situações-limites se impõem como força contrária à crítica desveladora da realidade. No processo de descodificação da realidade o próprio tema do silenciamento dos temas já se constitui um tema, o tema trágico do silêncio:

Em todas as fases da descodificação, os homens revelam sua visão do mundo. Conforme a maneira como eles vêem o mundo e como o abordam – de modo, fatalista, estático, ou dinâmico – podem-se encontrar seus temas geradores. Um grupo que não expressa concretamente temas geradores (o que pareceria significar que não possui temas) sugere, ao contrário, um tema trágico: o tema



do silêncio. O tema do silêncio sugere uma estrutura de mutismo frente à força esmagadora das situações-limite. (FREIRE, 1979, p. 18)

Na perspectiva de Freire, a filosofia parte das temáticas originárias da situações-limites da experiência existencial dos homens:

Devemos perceber que as aspirações, os motivos e os objetivos contidos nas temáticas significativas são aspirações, motivos e objetivos humanos. Não existem em alguma parte “fora”, como entidades estáticas; são históricas como os homens mesmos; conseqüentemente, não podem ser captadas prescindindo dos homens. Captar estes temas é compreendê-los, e compreender, portanto, os homens que os encarnam e a realidade à qual se referem. (FREIRE, 1979, p. 18)

Para ele, o tema fundamental da atividade filosófica de nosso contexto de espaço-tempo é a dominação econômica, epistêmica e ontológica. Parte do pressuposto que o homem e a mulher são seres situados em um contexto e se encontram submersos em condições espaço-temporais que os desafiam a atuar. Neste sentido, é fundamental a investigação temática a partir de sua experiência existencial:

Eu considero que o tema fundamental de nossa época é o da dominação, que supõe seu reverso, o tema da libertação, como objetivo que deve ser alcançado. É este tema que preocupa, e é ele que dá à nossa época a característica antropológica que mencionei anteriormente. Para realizar a humanização que supõe a eliminação da opressão desumanizante, é absolutamente necessário transcender as situações-limite nas quais os homens são reduzidos ao estado de coisas. (FREIRE, 1979, p. 17)

A opressão é um projeto filosófico imposto historicamente para privilegiar a elite e manter a massa na condição de submissão e domesticação, negando-lhe o acesso ao saber e negando ao seu saber qualquer qualidade filosófica. Na compreensão de Freire, a dominação, a opressão ou a minoridade não tem o caráter de culpa do próprio oprimido, e está longe de ser causado pela preguiça, sendo esta uma forma preconceituosa do opressor tratar o oprimido culpando-o pela condição de pobreza em que se encontra. Revela a luta antagônica entre dominadores querem preservar sua ideologia pelo silenciamento do pensamento dos oprimidos.

Freire (2000, 1996) compreende que a herança histórica do colonialismo se estende nas entranhas do presente por meio do neoliberalismo. Corrobora esta análise os estudos de Santos



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

(2009, 2022) acerca das epistemologías do sul e da emergencia de saberes. Refletimos com Freire (1979, 1988, 2000) que a formação história da sociedade brasileira se constitui pela inexperiência da democracia que é também inexperiência da liberdade, da possibilidade de dizer a palavra, de dialogar, de investigar, de pesquisar, de pensar a realidade, de fazer crítica.

Freire direciona todos os esforços para compreender o processo de geração da consciência crítica como passagem de uma situação de inexperiência para uma experiência epistêmica de produção do conhecimento como projeção do ser mais dos seres humanos no processo de libertação do saber do opressor que se “hospedou” no oprimido pela educação bancária. Neste sentido, Freire desenvolveu uma compreensão crítica da alfabetização pelo conceito de “leitura de mundo” e “leitura da palavra”: “a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra” (FREIRE, 1989a, p. 19). Freire pontua a necessidade de uma compreensão crítica do ato de ler e de escrever, como condição de uma alfabetização libertadora. Ele destaca a relação ativa de movimento, de continuidade dialética do mundo que habitamos para a palavra e desta para mundo resultando numa escrita-mundo:

De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1989a, p. 29-30).

Freire (1989a, p. 9), entende que a leitura de mundo constitui a “inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo.” E ainda mais, ambas estão em fecunda continuidade dialética como descreve em seu estilo de escrita dialógico e testemunhal ancorada na sua experiência existencial: “permitam-me repetir, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra” (FREIRE, 2008, p. 14). Freire toma a própria experiência de escritura de si na historicidade para justificar a necessidade de mudança radical da relação ler-escrever na educação. Daí que sua experiência é iluminadora para um ensino de filosofia como experiência de escrita da história de vida, de denúncia e resistência à opressão e anunciando um outro mundo pelo qual vale a pena lutar.

Freire esclarece essa dialética do processo de leitura reflexiva: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da



continuidade da leitura daquele” (1989a, p. 9). Para o autor, criticidade e leitura são inseparáveis no processo de compreensão das relações entre texto e contexto, linguagem e realidade. Assim, Freire problematiza a leitura como visão mágica da palavra escrita que é tomado como conteúdo a ser memorizado na educação bancária. Como contraponto, ele propõe o conceito de palavramundo, como pronúncia autêntica porque criticizada da palavra. Nossa perspectiva considera necessário dar um salto para a prática da escritamundo. Desta forma, a escritamundo é síntese do processo de leitura do mundo dialeticamente solidária com a leitura da palavra e que renova criticamente o processo de leitura de mundo e leitura da palavra. Este ciclo leitura e escritura da experiência é memória da libertação. A leitura da escrita é leitura da luta contínua de alfabetização conceitual como propriedade da amorosidade filosófica. Conforme relata Freire acerca de sua experiência existencial: “O que aparecia muito claramente em toda esta experiência, de que saí sem ódio nem desesperação, era que uma onda ameaçadora de irracionalismo se estendia sobre nós: forma ou distorção patológica da consciência ingênua, perigosa ao extremo por causa da falta de amor que a alimenta, por causa da mística que a anima” (FREIRE, 1979, p. 10).

Nossa reflexão resgata as contribuições de Freire para pensar um ensino de filosofia numa perspectiva descolonizadora. Entendemos que o limite das contribuições de Freire à filosofia do ensino de filosofia está no campo da escrita. Embora Freire personifique uma referência ímpar da escrita filosófica biográfica que ilumina nossa busca de uma escrita biográfica libertadora, suas teses sobre alfabetização não desenvolvem suficientemente a potencialidade da escrita para a libertação descolonizadora como processo do filosofar. A alfabetização como apropriação crítica e criativa da palavra conscientizadora não pode ficar na esfera da oralidade, mas converter-se em escrita biográfica como condição para a atividade filosófica se tornar pública e criar o público filosófico. A escrita filosófica é entendida como atividade dialética, e por isso não dualista ou dicotômica entre a escrita e a leitura, a memória e a imaginação, as situações limites e o inédito viável, o existente e o alternativo, o pessoal e o comunitário, a pessoa e a cultura. Nesta perspectiva, os filósofos da tradição são amigos no filosofar, na busca da sabedoria como transparece na escrita de Freire. A relação com o texto filosófico é a da crítica, da indagação, da “briga”, do conflito e não o de submissão. O texto não pode tutorar nosso pensamento, apassivando ou domesticando a reflexão e anulando a ação. A posição do estudante diante do texto não pode ser a de receptor dócil que se deixa encher do



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

saber filosófico, que o memoriza, ou apenas disserta sobre circunscrito ao texto. Qual filósofo aceitaria que seu pensamento fosse cair na prova ou no vestibular? E o que os filósofos, para citar alguns como Marx, Nietzsche, Dewey, Platão, nos diriam se participassem de nossas aulas e deste sistema de avaliação? E o que diriam das práticas dissertativas e ornamentais do pensamento deles?

O eixo que perseguimos nesse trabalho é o de descolonizar a escrita, hoje quase prescrita pela dominação da cultura mercadorizada do neoliberalismo. Que pode a escrita na luta pela emancipação? Como podemos reconstruir a experiência da filosofia como escrivência libertadora? A escrita filosófica pode tomar a forma de construção da narrativa da vida existencial do estudante como sujeito social e histórico. A escrita não é um trabalho para reviver o passado, reproduzir uma filosofia, mas matéria-prima para refazer a história de vida potencializando a reflexão e a ação consciente, intencional, temporalizada, contextualizada. É obra de pensamento sobre o material da experiência, uma forma de escolha um modo de existir no mundo, uma forma de ler o mundo, que não se esgota e se abre para novos olhares e criações que alargam a consciência. Desde seu início, a filosofia é movida pelo *páthos* do amor à sabedoria ou amor ao conhecimento do mundo e de si no mundo. A disposição para procurar o conhecimento do mundo no proceso dialético da leitura deste mundo e a leitura da palavra como vocação ontológica de saber-se inacabado e, por isso, ser mais como ser histórico configura a sabedoria no sentido freiriano. Esta sabedoria tem o sentido de amorosidade ao mundo e aos homens e mulheres como sujeitos históricos, daí a possibilidade de acontecimento filosófico na história como amor à sabedoria. A sabedoria tem vinculação imediata com a busca de alternativas e escolha sobre como conduzir o agir no mundo. Por isso, a sabedoria é eminentemente ética e política, o que eleva a função social da filosofia. A escrita é educadora como prática da liberdade. A escrita pode ser um pequeno, mas significativo ato de liberdade que denuncia os condicionamentos históricos colonialistas e anuncia as possibilidades do inédito viável libertador e humanizador.



Bibliografía

- FREIRE, P. 1981. *Ação cultural para a liberdade*. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra..
- Freire, P.. 1989a. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Autores Associados: Cortez.
- Freire, P.. 1995. *À sombra desta mangueira*, São Paulo: Olho d'Água.
- Freire, P.. 1979. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Cortez & Moraes.
- Freire, P. 2001. *Educação e Atualidade Brasileira*. 2. Ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire.
- Freire, P. 2000. *Educação como prática da liberdade*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,
- Freire, P. 1979. *Educação e Mudança*. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. *Extensão ou comunicação?* 1980. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. SHOR, I. 1986. *Medo e Ousadia. O cotidiano do professor*. Rio De Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. 1996. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 49ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. 1988. *Pedagogia do oprimido*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. 2011. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. 1997. *Professora sim, tia não. cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho D'água.
- Freire, P. 1982. Educação: o sonho possível. In: Brandão, C. R. (Org.) *O Educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FREIRE, Paulo. FAUNDEZ, A. 1985. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. 2009. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Editora Almedina.
- SANTOS, B. S. *Descolonizar: Abrindo a história do presente*. 2022. Trad. Luis Reyes Gil. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Boitempo.